

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
ALUNA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA
ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL
COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONILDES
CÂMARA DONATO**

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO

**CAMPINA GRANDE - PB
JANEIRO DE / 1997**

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DA AULA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Discutir a 2º Guerra Mundial procurando pensá - la enquanto resultado do conflito entre os vários projetos de organização de mundo elaborados na 1º metade do século XX cuja característica comum é a idéia de internacionalização das regiões que surge no período moderno.

CONTEÚDO: Segunda Guerra Mundial

METODOLOGIA: Aula expositivo - dialogada com utilização de cartazes e gravuras.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, cartazes e gravuras.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

AVALIAÇÃO: Através do debate em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. Histórias da sociedade, v.II RJ:

Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo; SP Saraiva, 1994.

DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. História: Cotidiano e Mentalidade-

Século XIX - XX. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. Rumos da História -

Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo; SP:

Atual, 1995.

TELECURSO 2000. História Geral; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir sobre a leitura de mundo, e os vários projetos de organização de mundo elaborados pelas pessoas que vivenciaram este momento.

CONTEÚDO: Arte Moderna.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de pinturas, poesias e cartazes.

RECURSOS DIDÁTICOS: Giz, quadro, pintura, poesias e cartazes.

AValiação: Através da discussão em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. Histórias da sociedade, v.II RJ:

Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo; SP Saraiva, 1994.

REGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. História: Cotidiano e Mentalidade-
Século-XX. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. Rumos da História -
Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo; SP:
Atual, 1995.

TELECURSO 2000. História Geral; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir sobre a 1º guerra mundial, procurando pensar como esta, tem relação com o projeto de internacionalização das regiões colocado pelo período moderno.

CONTEÚDO: Primeira Guerra Mundial.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com uso de textos de época.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz e textos de épocas.

AValiação: Através da discussão feita em sala de aula, tendo por base textos de época.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. *Histórias da sociedade*, v.II RJ: Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*; SP Saraiva, 1994.

DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. *História: Cotidiano e Mentalidade - Século XIX - XX*. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. *Rumos da História - Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo*; SP: Atual, 1995.

TELECURSO 2000. *História Geral*; SP: Globo, 1996.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA

SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Revolução Russa*, procurando pensá-la enquanto ponto de intersecção de vários projetos de organização do mundo, e enquanto alternativa para o projeto de mundo capitalista que surge no período anterior.

CONTEÚDO: Revolução Russa.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes e gravuras.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz e gravuras e cartazes.

AValiação: Através do debate em sala de aula e dos exercícios trabalhados pela turma.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. Histórias da sociedade, v.II RJ: Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo; SP Saraiva, 1994.

DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. História: Cotidiano e Mentalidade- Século XIX - XX. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. Rumos da História - Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo; SP: Atual, 1995.

TELECURSO 2000. História Geral; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a idéia de *Independencia do Brasil*, e de uma *Nação Livre*, procurando refletir sobre a situação dos negros, índios, mulheres e homens pobres livres no Brasil - Império.

CONTEÚDO: Independência do Brasil.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de quadrinhos e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, quadrinhos e textos.

AVALIAÇÃO: Através da participação em sala de aula e de exercícios referentes a temática trabalhada na aula.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:
Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:
Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;
SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a idéias dos abolicionistas, escravos e escravocratas, tentando perceber sua relação com a idéia de uma nação ideal.

CONTEÚDO: Escravidão e Abolição no Brasil - Império.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de Gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras e textos.

AVALIAÇÃO: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr.,Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD,1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;

SP: Saraiva, 1986.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA

SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Proclamação da República*, procurando pensar sobre o projeto de nação vencedor naquele momento.

CONTEÚDO: Proclamação da República.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e textos.

AValiação: Através da discussão em sala de aula e de exercícios trabalhado a partir da temática

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;

SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a consolidação do Brasil Republicano, tentando pensar a relação do tipo de República instituído pelo *1889* com os movimentos populares da 1º República.

CONTEÚDO: Coronelismo e Movimentos Populares.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e textos.

AValiação: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil

Independente; SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Revolução de 64*, procurando pensá-la enquanto ponto de intersecção de vários projetos de Nação colocados para o Brasil.

CONTEÚDO: Revolução de 64

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e falas da época.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e documentos.

AVALIAÇÃO: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;

SP: Saraiva, 1986

INTRODUÇÃO

I. UM POLIEDRO QUE SE CHAMA HISTÓRIA

Um historiador muito inteligente e igualmente sensível disse certa vez que, de resíduos, de papéis, de galerias, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. Talvez este não seja um bom começo para um relatório de estágio supervisionado, onde o estagiário lida menos com arquivos e documento e mais com textos já elaborados e alunos a espera de conhecimentos e de informações. Talvez fosse melhor iniciar este relatório com algo que remetesse a relação professor - aluno, professor - ensino ou professor - escola, já que trata-se de pôr em discurso nossa prática enquanto professor - estagiário de 1º e 2º graus. Entendemos, entretanto que não podemos separar a epistemologia da história da metodologia do ensino de história. São partes de um mesmo processo, são tintas que escrevem o mesmo corpo: A história enquanto resultado das ações humanas. Nossa prática em sala de aula informa nossa compreensão do processo histórico e nossa percepção do fazer história, da explicação histórica.

Interpretações históricas postas em forma de texto: corpos escritos e descritos, imagens sacralizadas. Lembrado Michel de Certeau, *história é a arte de escrever e maquinar corpos*¹. Neste sentido, o historiador é um artífice; artífice que

¹ CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano - Antes de fazer, Petrópolis: Vozes: 1994, p 241.

* lida portanto, não apenas com documentos e arquivos, mas com a criação com a imaginação. Artífice que desenha traços, cria imagens, produz criaturas... Criaturas históricas. São elas, o resultado final de sua produção. Produção muitas vezes silenciosa: as mãos que escrevem histórias, a imaginação que cria imagens, os olhos que definem as fontes e o olhar que cria a trama são elementos que fazem parte de uma produção silenciosa que se escreve no texto histórico, senão o sob a forma de resultados. Mas é esta produção silenciosa que cria para a história múltiplas faces; e contraditoriamente, dá-lhe uma visibilidade que possibilita pensar na sua unidade, na sua homogeneidade. Recusando pôr em enredo a trama da produção historiográfica, o historiador silencia a geneologia do texto, camuflando as condições de produção do discurso histórico e do seu objeto: o passado. Constrói para si um lugar, o lugar da verdade, e dele, emite a sua explicação histórica, sob a forma de única explicação histórica possível. Isto porque, o historiador produz, como chama atenção Adalberto Marsom², a coincidência entre o *fato real* e o *fato do conhecimento*, preservando assim, uma exterioridade entre sujeito -objeto. O passado adquire uma sinonímia : memória registrada em documento; e o real passa a se confundir com a própria constituição e trabalho do historiador. Desta forma, o discurso histórico surge sob a forma de texto, com vida própria, com voz autônoma, independente do sujeito que a fez falar, ou seja, surge numa relação de exterioridade para com o historiador. Ao mesmo tempo, os fatos ganham no texto, uma lógica, adquirem autoridade e se instituem como demiurgo do passado...A trama histórica adquire inteligibilidade na

²MARROM, Abelardo. Reflexões sobre o procedimento histórico. In; SILVA, Marcos A. da (org). a História, SP: Marco zero, p.39.

medida em que o historiador desaparece do texto. Opera-se uma inversão de papéis: o historiador passa ser objeto da história ... Simulacro de historiadores. ●

Trabalhando nas margens do texto histórico, embora sendo seu autor, o historiador apropria-se do passado e constrói para ele, uma trama com cenário, personagem, e um espaço temporal. Faz deste outro que estilhaça-se sob a forma de papel velho nos arquivos, o seu espaço de verdade, o seu símbolo de autoridade. Faz dele, página em branco e nele escreve o seu querer, o seu saber. Dá-lhe corpo e dá-lhe nome: passado, um passado que fragmenta-se em múltiplos lados como a figura do poliedro.

Um poliedro que se chama história. Eis a grande ambigüidade da história: cria uma explicação que se pretende completa, verdadeira, única. Mas ante o diferente olhar dos historiadores, estilhaça-se em sua unidade, o corpo de uma só forma, fragmenta-se... E com um poliedro só consegue se definir por esta multiplicidade; o conhecimento que daí provém, perde sua textura de realidade única, acabada e completa.

As formas da história multiplicam-se. O historiador embora nas margens do texto é o seu ~~personagem~~ principal, pois como chama atenção Margarida Louro Felgueiras, não mais importa a *relação do testemunho com o real, mas principalmente deste com a problemática, com as questões levantadas pelo historiador*³, muda com isso a própria leitura da documento histórico e do passado. O

³ FELGUEIRAS, M. Louro. op . cit p 54.

documento já não é mais espelho da realidade. Pois seu próprio lugar de *documento* é instituído, construído historicamente por um olhar.

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira (...) consiste [este trabalho] em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto⁴.

Desta forma, como nos chama atenção Michel de Certeau, longe de aceitar os dados, o historiador os constitui. E por ser este, um trabalho que parte de escolhas, a relação do historiador com suas fontes, com suas temáticas tem se alterado no decorrer da história. Na verdade porque o olhar do historiador é fundamental na edificação das regras do procedimento historiográfico. Este olhar constrói uma teia em torno dos registros documentais, dando-lhe um nexos, uma lógica. E neste momento, a história torna-se texto. E aí, se institui o inventário do real: a dispersão do arquivo cede lugar à unidade textual: Constrói-se uma edificação estável de elementos que ganha uma coerência entre si; as lacunas que a pesquisa sempre coloca, são substituídas pelo sentido que o texto exige; pela necessidade que este coloca de um começo, um meio e um fim. Nesta “edificação”, um instrumento de trabalho do historiador vai costurando os fragmentos, dissipando a dispersão: a teoria. É ela que *escolhe* e produz os temas do historiador, é ela que objetiva o documento. Neste

⁴ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*; p. 81

sentido é uma realidade anterior ao texto. É ela, que produz os modelos, que cria os conceitos. Desta forma organiza o fazer do historiador.

→ Fazer que tem uma historicidade própria, independentemente dos seus resultados, de seu produto. Por isso o olhar do historiador é um olhar móvel, instável, que cria signos e também pode silenciá-los. Por isso a noção de passado, documento e historiador tem-se alterado. Não significa dizer como chama-nos atenção E. P. Thompsom que a história seja apenas uma *gigantesca estação experimental*⁵ para aplicação de teorias preconcebidas. A história, como diz tão bem este historiador, *não sabe os verbos regulares*⁶. O historiador neste sentido faz uso de uma dupla hermenêutica que liga suas teorias e modelos aos valores e significados dos sujeitos atuantes. Desta interrelação teoria - realidade, tem-se a necessidade da utilização de conceitos, de modelos que respeitem a redefinição histórica.

Fazer história é assim uma arte do saber-fazer. Uma arte que apenas descreve fragmentos do real ...E o historiador vai construindo para si e para os outros metáforas deste real que já não existe, que o tempo e os múltiplos olhares já corroeram. Dele, só tem-se restos que se petrificaram naquilo que sobreviveu ao tempo e que o historiador denomina documento. A história não é senão a memória desse resto.

E esta memória é dinâmica e instável. Pois, *a problemática, o modelo, a hipótese, a estrutura e o sistema tornaram-se conceitos - chaves a volta dos quais se organiza o trabalho histórico. A explicação assume especial relevo nesta procura de*

⁵ THOMPSON. E. P. A Miséria da Teoria. p. 67 - 69.

⁶ _____ E.P. op. cit, p.78.

*inteligibilidade por parte do historiador*⁷. Desta forma concordamos com Roland Barthes: tudo isto deve-se ao fato de *o signo da história ter se tornado menos o real do que o inteligível*.⁸ A compreensão histórica perde seu estatuto de autonomia com relação ao sujeito; já não provém naturalmente, da análise do documento ou do encadeamento cronológico dos eventos. A inteligibilidade deixa de ser ornamento da narrativa e passa a ser elemento fundante da mesma. Uma tripla extirpação se instaura: o documento perde seu estatuto de autoridade, o passado perde sua autonomia e o historiador perde sua roupagem de sujeito ausente de produção. A história estilhaça-se, fragmenta-se em muitas e múltiplas faces. Seus temas se ampliam, superam os heróis, os vilões e invadem espaços não - historicizados: o medo o amor, o ódio, as bruxarias, os mitos, os sonhos e os demônios entram na história, rasgando sua antiga cortina de ferro.

Diante deste estilhaçamento da história, restaria o que ao professor de 1º e 2º graus, que como chama atenção Adalberto Marsom, lida em grande sentido, com os resultados deste processo de produção de conhecimento que se institui em um outro lugar: a Universidade? Quase sempre ausente da investigação histórica, o professor de 1º e 2º graus reproduz o conhecimento elaborado numa realidade exterior a ele, e assim torna-se mero tradutor dos signos e significados históricos postos em discurso pelo pesquisador. Já tem portanto, para si na escola um quadro de referência traçado, demarcado anteriormente à sua chegada: programas de ensino, diretrizes da escola, relação - comunidade, livro a ser adotado, conteúdo a ser trabalhado... Enfim

⁷ FELGUEIRAS. Margarida Louro. op. p.63.

⁸ _____ . op. p. 63

sua disciplina é um lugar de verdades estabelecidas e prontas, e como todo lugar, como chama atenção Michel de Certeau, é construída por um sistema de regras que impõe uma ordem e indica uma estabilidade... Cria um caminho a ser seguido. Em que medida esta realidade já pronta que o professor encontra na escola e os problemas surgidos na prática do historiador têm relação com a sua prática e ensino?

Nosso estágio supervisionado que teve início em outubro de 1996 e término em dezembro do mesmo ano encontrou este quadro de referência: o conteúdo a ser trabalhado com as turmas já estava estabelecido, os textos da unidade já haviam sido “elaborados” pela professora e distribuídos à turma. Também o retrato dos alunos já estava no álbum da sala de professores: *não querem nada... São desinteressados*. a este retrato, uma advertência: *não adiante se preocupar com eles. Não tem jeito*. Desta forma, uma visibilidade da disciplina e da turma já havia se cristalizado e esta visibilidades ditava ordens sob formas de *conselhos* e ensinamentos sob a forma de textos.

Restava duas alternativas: seguir o caminho traçado por todo um ano letivo que já estava em seu final; ou “esquecer” esta realidade e agir de forma independente ao que a escola colocava para nós. Nenhuma das duas era adequada... Ali onde a escolha apontava por seguir o modelo já pré -determinado, nosso olhar defrontava-se com a mediocridade que se objetivava num quase nada de conteúdo trabalhado com os alunos que *não queriam nada*. Por outro lado, lá onde a escola apontava por ir de encontro a este quadro, nosso olhar defrontava-se com a fuga às normas colocadas não só pela professora titular, mas pelo programa de ensino traçado

para a escola pela Secretaria de Educação. Quanto ao conteúdos, nosso projeto era inicialmente trabalhar com aulas temáticas. A aula temática teria uma grande vantagem: possibilitaria o corte em uma história marcada e decodificada por sucessões cronológicas e episódios factuais. Desta forma, romperíamos com aquela idéia que a história é naturalmente um traço no tempo, um composto retilíneo de eventos, cuja seqüência seria sua própria produção de inteligibilidade. Esta idéia de história sempre nos incomodou na medida em que produz uma história homogênea ; história que seleciona *alguns eventos históricos* e os coloca em seu discurso como *a história da humanidade*, a história que deve ser conhecida pelos alunos e reconhecida pelo professor. E desta forma, a história reduz-se ao lugar do dito. O novo, nela não tem lugar, se não o de sua própria exterioridade. A história torna-se o lugar da abolição da diferença. Ao professor, restaria o papel de legitimador deste lugar, de reproduzidor desta *unidade* que se produz sob as cinzas da diferença.

Projeto que teve de ser redefinido frente à realidade que a professora - titular colocava para nós: 3º ano científico. Conteúdos a serem trabalhados: *1ª Guerra Mundial, Revolução Russa, Crise de 29, Nazifacismo, Segunda Guerra Mundial, Descolonização, Crise do Socialismo, Globalização*. 6º série. Conteúdos a serem trabalhados: *Independência do Brasil, 2º Império, Economia no 2º Império, Abolição, Proclamação da República, Revolução de 30, Período Populista, Revolução de 64 Abertura, Brasil Atual...* Enfim, restava para o nosso estágio supervisionado toda história do mundo durante o século XX e toda a história do Brasil-Império e República! Como trabalharíamos com aulas temáticas se o seu grande mérito é

justamente fugir deste encadeamento de fatos que termina por colocar para o professor a necessidade de *dar o máximo possível de conteúdo*. A aula temática exige uma escolha do tema a ser trabalhado em sala de aula, bem como uma exploração cuidadosa daquele tema. Exige por parte do professor uma leitura aprofundada do tema, para que assim, possa colocar para a turma as suas múltiplas faces, os seus diferentes contornos. Só assim pode oferecer aos seus alunos, não só um conhecimento a ser apreendido, mas uma leitura de história que exclua a unidade, a homogeneidade e ressalte a multiplicidade do conhecimento histórico, do fazer-história. Enfim, levar o poliedro do historiador a sala de aula.

Mas o historiador é acima de tudo um artífice, engenheiro de edificações, de arquiteturas majestosas... Edifícios que a brisa do tempo num sopro, leva ao chão ante o gesto diferente de um olhar, ante a voz que já conta sobre aquela velha história, uma história diferente... Uma nova história. Gesto que cria o novo a partir do riso frente ao agora velho. Este gesto é o próprio signo da epistemologia da história. E dele, não se desassocia a metodologia do ensino de história.

Qual deve ser o lugar portanto, do professor de história? E retomando a pergunta já feito acima: qual a sua relação com esta prática do historiador que sempre estar a se estilhaçar frente ao novo? Seria o seu lugar, o lugar da prática, do método, enquanto o lugar do pesquisador seria o lugar da teoria, da produção? Lugares que, cristalizados sob a forma de não - ser o outro, inscreveriam-se em espaços fechados, definidos, recortados. Restando ao pesquisador produzir a história sob a forma de

texto, e ao professor de 1º e 2º graus, apropriar-se deste texto, fazer dele sua verdade e a verdade dos seus alunos...

A história do nosso estágio supervisionado é a história de uma compreensão histórica que possibilitou-nos extirpar três dicotomias familiares: Teoria/método; professor/pesquisador; epistemologia/metodologia. O rompimento com tais dicotomias ensinou-nos pouca a pouco a dar aula construindo trilhas, desviando-nos de caminhos pré - estabelecidos, fugindo do jogo de apropriação dos signos históricos postos em texto por um lugar exterior a escola, a sala de aula. O livro e seu ar de autoridade parecia um mapa a apontar nossos passos, a produzir nosso corpo . O pesquisador sob roupagem de *autor*, parecia apontar-nos o que trabalhar na sala de aula; em cada página do livro, uma trama montada com cenário, espaço temporal e personagens. A história estava ali, oferecendo-se a nossa frente e apontando-nos caminho certo... Restava apenas reproduzir o dado.

A escolha, mesmo com complicações por aulas temáticas e por uma história - problema nos levou a enveredar por outros caminhos: transgredindo o lugar, criando *trilhas*, dessacralizando a idéia do *autor*. Trilhas que nos fizeram ir ao encontro do novo e por isso, do inesperado. *Trilhas* construídas a partir de uma posição teórica que insiste na história como poliedro... na história de muitos rostos e mil facetas.

Trabalharia-mos, portanto o conteúdo definido pela escola. Entretanto, não seguiríamos os textos que a professora - titular nos "oferecia". Também não nos limitamos à reprodução do Texto didático. Foram estas as trilhas que traçamos.

Nos próximos capítulos tentaremos dar inteligibilidade a esta prática. O primeiro, “O Luxo e o Lixo: Histórias Criadas/Histórias Expurgadas”, tem como objetivo mostrar como foi possível nossa prática de ensino a partir das aulas temáticas, tentando ainda mostrar como estas aulas não podem ser entendidas quando situadas numa relação de exterioridade ao plano de ensino. O segundo capítulo, “O Lugar de onde Partem as escolhas: o olhar do Historiador”, Explicitará um pouco as escolhas, colocando nosso próprio olhar em discurso, e neste sentido dando-lhe historicidade. Partimos do pressuposto que a construção da aula, dos planos de ensino de unidade e de aula, a elaboração dos textos, bem como das provas não são um resultado, um reflexo no nosso estágio; mas deste, instituintes. Tampouco são um “acontecimento natural” que precisaríamos simplesmente “relatar”, uma vez que estão intrinsecamente, vinculadas à nossa concepção de história e o nosso entendimento do ensino.

I. O LUXO E O LIXO: HISTÓRIAS CRIADAS / HISTÓRIAS EXPURGADAS

*A história produz sua história e com ela o seu lixo*⁹

Há hoje, uma situação que já parece engraçada nos debates sobre a metodologia do ensino da história: a crítica a história dos heróis, monstro que deve ser expurgado da história. Este *lixo da história* é motivo de discussões exaltadas e de longos trabalhos monográficos. Esta preocupação com o *lixo da história* faz Luís Carlos Vilalta anunciar aliviado que, a partir de uma pesquisa feita por Enesta Zamboni vê-se, com muita frequência professores de 1º e 2º graus rejeitarem a história estritamente factual, que cultiva os heróis pátrios e os grande homens...¹⁰

Alguém já disse que a história é a ciência do morto. Parece que a metodologia do ensino assume esta idéia duplamente, na medida em que não só tem como objeto de discussão o passado, mas também toma como centro de sua preocupação um procedimento epistemológico deteriorado. Sua proposta é levar até a sala de aula uma proposta diferente solucionando este cranco da história. E assim, a história cria o *luxo*, e no lugar do lixo, tem -se a panacéia: a palavra é inovar; fazer diferente; levar aos alunos uma história crítica. Neste sentido, o grande exemplo é a pedagogia libertadora e sua luta árdua na tentativa de conscientizar o professor do seu papel transformador na escola, na história. E os conceitos aí são por demais

⁹ MUNAKATA, Kazumi. op. cit. , p. 32.

¹⁰ VILLALTA, Luis Carlos. Dilemas da Relação Teoria e práticas na formação do professor de história: alternativas em perspectiva: In; Memória, História e Historiografia - Rev. brasileira de história, SP: Marco Zero, 1993 p - 224.

conhecidos: no lugar dos heróis, as classes; só as datas permanecem... Mania de historiador! Extirpa-se da história, da sala de aula, dos livros didáticos todo e qualquer sinal da história dos heróis. E esta unidade de conhecimento fragmenta-se; embora seus fragmentos, continuem a incomodar a metodologia de ensino. Em seu lugar, entretanto uma outra unidade ganha forma: pois, como disse A. Mansom, é como unidade que a história produz sua visibilidade.

Sendo assim, embora os debates da metodologia do ensino apontem sempre para os perigos do *lixo da história*, não encontramos nos livros didáticos muitos heróis. Encontramos sim, muitos bandidos: todos pertencentes a uma só classe, a tão famigerada quanto abstrata, burguesia. Rejeitando uma história sem historicidade, os historiadores muniam-se de todo um aparato verbal contra a história dos heróis. E adotaram a história da luta de classes. Produz-se uma nova visibilidade para história, e um sentido único: O conflito de classes. E *tudo* é explicado a partir dele.

Esta forma de explicação histórica, luxo dos historiadores, reserva para a história a tarefa de silenciar as diferenças, de homogeneizar a dispersão. A partir desta leitura do lixo e do luxo da história procuramos construir um estágio que risse do lixo e do o luxo. Desta forma, embora tendo que trabalhar com os conteúdos postos pela escola, procuramos na medida do possível, retratá-los e recriá-los a partir de outras formas, de outras cores. O que só foi possível a partir de um eixo de problematização que interligou os conteúdos, dando a este uma lógica exterior a explicação do *autor*. Os conteúdos foram definidos a priori, entretanto, a forma de ler

estes conteúdos foi construída pela estagiária e pela orientadora, num processo de *montagem*, da *fabricação* da história. Assim, discutiríamos os conteúdos da 6ª série, não mais a partir do que traziam os livros, mas utilizando suas informações em torno de uma idéia: a instituição de uma Nação brasileira. Desta forma, marcos como *Proclamação da República*, foram trabalhados em sala de aula a partir de uma proposta autônoma ao livro didático: *Discutir o momento da Proclamação da República, procurando refletir sobre o projeto de Nação vencedor naquele momento*. Este objetivo que foi o objetivo específico de uma aula, termina por romper com a forma como se discute a *Proclamação da República*. Acontecimento que surge no livro didático envolvido numa corrente temporal e causal; ou seja a *Proclamação da República*, é explicada a partir de um momento histórico: 15 de novembro de 1889, e de um conjunto de causas que aparecem nos livros didáticos sob a forma de *questões*: *questões militar, questão da igreja...* e a partir da narração destas questões, a República acontece. O texto que acompanhou esta aula enuncia no título o eixo de problematização que costurou o plano de ensino: *A Proclamação da República: quem sabe agora o Brasil Torna-se uma Nação?* Também o texto que trabalhou com o Brasil - Império teria a mesma lógica: *Independência do Brasil: Uma nação para quem?* A partir da idéia de nação, fugiríamos da história cristalizada nos livros didáticos que lê a “Independência do Brasil” como resultado do maniqueísmo de um grupo. Instituímos com isto, uma de nossas trilhas: embora o livro didático insistisse no aspecto denunciador do 1822, que termina por pintar o povo como “bestializado”,

nós procuramos dar ênfase à idéia de que o marco de 1822 se inscreve na história a partir do conflito em torno de vários projetos para o Brasil naquele momento.

Esta idéia de instituição da Nação brasileira possibilitou o que num primeiro momento parecia impossível: dar vida a um conteúdo extenso e opaco; *escapar* da chamada história factual que faz da disciplina história um monstro incompreensivo, sem vida e sem sentido para os alunos de 1º e 2º graus.

Da mesma forma o planejamento do 3º ano científico ganha um eixo de problematização: *Discutir a multiciplidade das experiências dos grupos humanos, desde a Antigüidade até a época Contemporânea, procurando refletir sobre os múltiplos projetos de organização do mundo colocados por estes grupos*. E a partir desta idéia conseguimos de certa forma interligar o que parecia impossível de ser trabalhado senão sob a forma de acontecimento; *1º Guerra Mundial, Revolução Russa, Nazi -Fascismo, 2º Guerra Mundial*.

Tanto no 1º quanto no 2º graus, nossa opção por um planejamento com eixo de problematização não foi uma escolha arbitrária, partiu do entendimento da história como poliedro, da percepção que é a história é múltipla, e esta multiciplidade é a maior riqueza do historiador pois permite-lhe ler um mesmo acontecimento de diferentes ângulos.

Com o plano de unidade montado a partir do eixo de problematização que deu inteligibilidade ao plano de ensino, íamos de encontro a chamada *engenharia dos acontecimentos* que constrói o acontecimento como o lugar de totalidade histórica, e que passa a ocupar todos os espaços da história. Corpo escrito por uma

idéia de história, o acontecimento ganha visibilidade a partir de uma hermenêutica que constrói para ele uma historicidade própria. Inscreve-se pois, na história com data marcada, causas, fatores, consequência, contexto. Em torno destas categorias a história é *explicada* e registrada no livro didático. Aquilo que não se encaixa nesta *explicação*, neste *sentido* é produzido como resto, é a dispersão, é o exterior da história; quando muito é a sua pré-história. Novamente o historiador e suas *leis gerais* que garantem a história um movimento único no sentido da *evolução!*

Exemplo deste processo de *fabricação historiográfico* é o 1905 na Rússia Czarista. Momento em que a Rússia vivência tensões e conflitos, impossíveis portanto, de ser ignorado pelo historiador. E a explicação histórica dá ao 1905 um sentido que talvez não tenha tido: *foi o início da tentativa por parte do proletariado de fazer da Rússia um País socialista.*

Estabelecendo portanto, um corte com esta leitura evolucionista, fatalista da história, procuramos construir uma unidade de ensino que fosse de encontro a *engenharia dos acontecimentos*. Nosso grande inimigo foi o tempo, principalmente no que diz respeito ao 3º ano científico onde tivemos três “feriados”. Outro problema foi não termos tido as chamadas aulas de observação”. Mesmo assim, insistimos no curso temático desta forma, utilizamos quatro aulas com a temática *Revolução Russa* e quatro aulas com a temática Nazi - fascismo. Discutindo a *Revolução Russa* procuramos levar a turma como esta é comumente explicada pelos historiadores; e assim retomamos, o 1905, e posteriormente, a situação da Rússia Czarista no momento da 1º guerra mundial, o advento chamada *Revolução Branca* e

finalmente a *Revolução Vermelha*. Procuramos mostrar que a história explicada a partir desta lógica segue um sentido que quase nos impede de pensar que a história poderia acontecer de outro jeito. E ainda, construída a partir da idéia de lutas de classes, esta explicação histórica deixa de lado os múltiplos projetos colocados pelos agentes históricos.

Entretanto, foram sem dúvida, as aulas sobre o Nazi - fascismo que produziram na turma um olhar de empatia. Novamente transgredimos o espaço do *Autor*, fomos de encontro a idéia de ler o *nazifascismo* simplesmente como consequência de um momento anterior. Temos a partir disto, um deslocamento do olhar que passar a centralizar sua atenção no imaginário das pessoas e nas estratégias utilizadas pelos nazifascista par convencer a população do seu projeto de organização de mundo.

A idéia de pensar como as pessoas daquele momento histórico pensaram seu mundo e o organizaram levou-nos a inserir uma temática que não estava estabelecida no programa de conteúdos da escola: a Arte Moderna. Temática que sempre nos fascinou, a *arte moderna* aparecia para nós como um momento emblemático, ponto de inflexão de vários projetos de organização do mundo. Futuristas, dadaístas, impressionistas, surrealistas... sujeitos da história que escrevem sob a forma de poesia, pintura ou manifesto suas leituras de mundo , suas expectativas ambíguas, suas esperanças, crenças e medos. Como tínhamos apenas duas aulas para trabalhar a temática exploramos principalmente os futuristas e os dadaístas, procurando mostrar as diferentes versões da história por eles construídas e os

diferentes projetos de organização do mundo daí decorrentes. Utilizando o manifestos futuristas levamos o aluno a refletir sobre a crença no progresso, na ciência, na tecnologia e na história que acompanhava os futuristas. Ao mesmo tempo utilizamos a *arte* dadaísta para refletir sobre sua crítica a razão, ao progresso, a modernidade e a história.

Leituras diferentes da história, a *arte moderna* levou para a sala de aula e traz para nós, novamente a idéia do poliedro: a história é duplamente multiforme na medida em que não só os historiadores, mas também os agentes históricos constroem imagens diversas para o processo histórico e para o devir.

Trabalhar a “História Geral” de construir em torno desta, um eixo de problematização que desse aos construídos uma lógica, é o passo maior para a construção de uma disciplina opaca e sem vida. dar nossa preocupação em criar um eixo que possibilitasse pensar o próprio conteúdo trabalhado, e assim, evitasse a simples reprodução do mesmo. Foi esta preocupação que nos levou a elaborar um plano de ensino a partir da idéia de múltiplos projetos de organização do mundo. A partir desta idéia discutiríamos a multiplicidade das organizações sociais, das experiências humanas no seu viver a história. Desta forma, fugiríamos do europocentrismo ainda muito comum nos livros didáticos, que termina por explicar a história a partir dos valores e da história européia. Nossa idéia era discutir a multiplicidade das experiências humanas para a sala de aula, e a partir disto discutir com os alunos como o ser humano pode ser diferente, múltiplo e inconstante, na medida em que seus valores, suas experiências, seus projetos também o são.

A história da humanidade é isto: Uma pintura maravilhosa com vários rostos, vários traços... Traços que se confundem, se encontram e se desencontram. E só esta multiplicidade explica o nosso pretense status de “sujeitos históricos”.

III. O LUGAR DE ONDE PARTEM AS ESCOLHAS: O OLHAR DO HISTORIADOR

Extirpadas as dicotomias pesquisador/professor, epistemologia/metodologia; teoria/método, podemos agora falar um pouco do lugar de onde partiram as escolhas para a construção do nosso estágio supervisionado.

*Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio - econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que está circunscrito por determinações próprias: Uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrado, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que os documentos e as questões que lhe são proposto as, se organizam.*¹¹

Seria este lugar que *delineia uma topografia de interesses...* o não - dito da disciplina história... Articulações discretas que entretanto, sustentam e mantêm a disciplina. São estas *articulações* que dão a produção histórica, uma historicidade. Pois, a partir destas *articulações*, o olhar do historiador ganhar vida, a partir da

¹¹ CERTEAL, Michel de. A Escrita da História , p.66.

associação deste a um lugar social seu próprio olhar é historicizado. O olhar produz escolhas e estas criam imagens... dão vida a imagens.

Nossa primeira escolha: o eixo de problematização. Partiu de discussões com a nossa orientadora, que nos colocou a necessidade de construir uma aula, e não simplesmente repetir conteúdos. Mas o que seria um eixo de problematização? Segundo Maria Cândido Proença os eixos de problematizações ou como ela chama, *esquemas conceptuais são as idéias subjacentes a organização de um programa, dependentes das posições pedagógicas e filosóficas dos seus autores.*¹² Desta forma, Proença chama atenção que a planificação do ensino não seria simplesmente a congregação de conteúdos, ou a simples divisão dos mesmos pelo tempo previsto. Mas uma *teia* a partir da qual estariam interligados os conteúdos.

Entretanto, a produção de um plano de unidade e de ensino com um eixo de problematização não foi um *dado* que *naturalmente* apareceu no nosso estágio por ter que estar lá... Exigiu-nos, um aprendizado, fez portanto, parte de um processo que só adquiriu visibilidade partir de acertos e de erros.

A dificuldade encontrada na elaboração do primeiro plano foi a quantidade de conteúdos que teríamos de *abarc*ar em torno de um esquema conceptual. Esta dificuldade diz respeito principalmente, ao plano de ensino do 3º científico, cujo programa incluía toda a história da humanidade! Quanto a 6º série o problema maior foi o plano de unidade. Seria este plano que traçaria nossos passos no decorrer do estágio, o mapa que indicaria nosso percurso. O plano de unidade é parte

¹² PROPENSA, Maria Cândida. Ensinar/Aprender História. Questões da didática aplicada; Lisboa: livros horizonte, 1990, p. 151

deste todo que é o plano de ensino; Este último deve dar inteligibilidade ao período temporal que tem início com a *Independência do Brasil* e vem até os dias de hoje. Nosso susto é que nosso plano de unidade coincidia com o plano de ensino, na medida em que a professora titular da turma nos dizia que iniciássemos nosso trabalho a partir do início do Brasil - Império! E o ano letivo já indicava que nós começaríamos na quarta unidade... As aulas temáticas também não surgiram *naturalmente* no nosso estágio. Partiram das discussões que tivemos com nossa orientadora, e assim como o eixo de problematização dos planos, faz parte de um processo de construção que envolveu erros e acertos, limites e avanços. Podemos coloca-las como *tentativas* de produção de uma aula diferente, que não só fosse de encontro a história ensinada sob a forma de recortes, mas também que produzisse no aluno uma relação de empatia para com a disciplina. Chegar de pára - quedas, no entanto, numa turma já no final de ano letivo não é com certeza a forma mais adequada de promover a empatia da turma, principalmente quando esta já tem uma visibilidade traçada e retratada em todo o colégio: *não querem nada...* Esta realidade somada aos limites que também levamos para a sala de aula, principalmente a dificuldade de falar a linguagem *deles*, colocou problemas para as aulas temáticas, o que não invalidou a proposta, tampouco a trabalho. Exemplo disso foi a aula sobre *República* na 6 ° série e a aula sobre o nazi-fascismo, no 3° ano... Dois momentos especiais do estágio onde sentimos ter havido comunicação entre estagiário, orientador e alunos.

A construção da aula também foi parte importante da construção do estágio, e não pode ser desvinculada da nossa concepção de ensino e de história.

* Como catadores de palavras e de idéias nosso olhar caminhou entre um livro didático e outro... Aqui, uma informação interessante, ali uma gravura para cartaz, adiante uma fala da época e outras informações... e assim a aula, se fez sob forma de *bricolagem*. Mas não uma *bricolagem* que reproduziu partes de vários livros; *colando* as informações, as gravuras, o eixo problemático possibilitou uma aula que não se reduziu a um espelho de informações dos livros didáticos.

* Esta *quebra de espelho*, como diria Socorro Cipriano, acompanhou a produção dos exercícios e das provas (ver anexo). Utilizando, muitas vezes de pinturas, falas de época, e gravuras, procuramos construir um lugar novo com relação ao processo de avaliação, substituindo a idéia de *cobrança da aprendizagem* por uma outra, a inserção do aluno no processo de construção de conhecimento. Nosso objetivo era romper com a chamada *pedagogia dos conteúdos*¹³ que parte do pressuposto que a avaliação é um momento desvinculado do processo ensino - aprendizagem, o momento do professor, onde este, *cobra* do aluno o conhecimento *dado* no decorrer da unidade. A avaliação percebida sob esta lógica implica em outro problema: a percepção de que há um conhecimento prévio, pronto e acabado a ser transmitido pelo o professor e absolvido pelo aluno.

Talvez este tenha sido o grande mito do nosso estágio. Construir uma forma de avaliação diferente no final de um ano letivo e numa turma que acabávamos

¹³ ver LIMA, Adriana Oliveira de. Avaliação Escolar: julgamento ou construção 2º ed., Petrópolis: Vozes, 1994, p

de conhecer e que já vinha acostumada a um tipo de avaliação, de forma alguma funcionou. A avaliação como mais um momento do processo de construção do conhecimento exige um retorno ao aluno, exige pois, que o professor crie na sala de aula um espaço para discussão dos exercícios, de forma a levar o aluno a argumentar sobre seus trabalhos, a lógica dos seus exercícios. Portanto, este tipo de avaliação não funciona quando adquire uma sinonímia: resultado. E foi assim que ela terminou funcionando no nosso estágio. Isto porque havíamos pensado as aulas, os exercícios, as provas a partir de um calendário escolar dado pela diretoria da escola; calendário este, que não apontava tantos “feriados” (perdemos seis aulas no 3º ano por conta dos *feriados!*) tampouco o final das aulas no início de dezembro. Procuramos construir a alternativa de aulas extras, o que permitiu, de certa forma, trabalharmos melhor os conteúdos. Entretanto, as provas, feitas pelos alunos no limite máximo do tempo, só tiveram retorno para estes sob forma de *notas*. O que deixou uma pequena sensação de frustração, de saber que poderia ter sido diferente.

Construir um estágio procurando não desvincular teoria- método , ensino-pesquisa foi o nosso maior desafio...É claro, deixou marcas de frustração, encontrou limites, uns foram superados, outros não. Mas quem disse que sendo a nossa primeira experiência profissional, o estágio deve ser apenas uma história de vitórias...?

BIBLIOGRAFIA

FELGEIRAS, Margarida Louro. Repensar a História. Repensar o seu ensino. Porto, Porto Editora, 1994, p 64- 66

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano - Antes de fazer; Petrópolis: Vozes: 1994, p 241.

MARCOM, Abelardo. Reflexões sobre o procedimento histórico. In; SILVA, Marcos A. da (org.). Repensando a História, SP: Marco zero , p.39.

FELGUEIRAS, M. Louro. op . cit. p 54.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História; p. 81

THOMPSON. E. P. A Miséria da Teoria. p. 67 - 69.

_____. E.P. op. cit., p.78.

FELGUEIRAS. Margarida Louro. op. p.63. ¹ MUNAKATA, Kazumi. op. cit. , p. 32.

_____. op. p. 63

VILLALTA, Luis Carlos. Dilemas da Relação Teoria e práticas na formação do professor de história: alternativas em perspectiva: In; Memória, História e Historiografia - Rev. brasileira de história, SP: Marco Zero, 1993 p - 224.

_____ . op. p. 63

CERTEAL, Michel de. A Escrita da História , p.66.

PROENÇA, Maria Cândida. Ensinar/Aprender História. Questões da didática aplicada; Lisboa: livros horizonte,1990, p.151

LIMA, Adriana Oliveira de. Avaliação Escolar: julgamento ou construção 2º ed.,
Petrópolis: Vozes, 1994, p

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: UMA NAÇÃO PARA QUEM?



A figura acima nos lembra um marco, uma data importante da história do nosso país: A Independência do Brasil. Independência que foi proclamada por D. Pedro I no dia sete de setembro de 1822. A partir deste dia, o Brasil fica livre de Portugal; deixa de ser colônia e passa a ser uma Nação, ou seja, com a Independência do Brasil, nosso país não atem mais que se submeter ao controle de Portugal, às suas leis, aos seus governantes. Isto porque o Brasil como Nação livre criaria suas próprias leis, teria seu próprio governante. Mas, voltemos os olhos para a figura acima: O que vemos? D. Pedro I seguido de tropas brasileiras lutando contra portugueses.

Vamos no decorrer deste texto fazer um pequeno passeio, uma viagem ao Brasil tornado independente por D. Pedro I. Devemos levar nesta “viagem” duas perguntas: o povo participou da proclamação da independência? Esta independência serviu para quem?

A 1ª CONSTITUIÇÃO DO BRASIL.

Na Câmara dos Deputados que faria a primeira Constituição do Brasil Pois Partidos Políticos entram em discussão:

VER QUADRINHOS

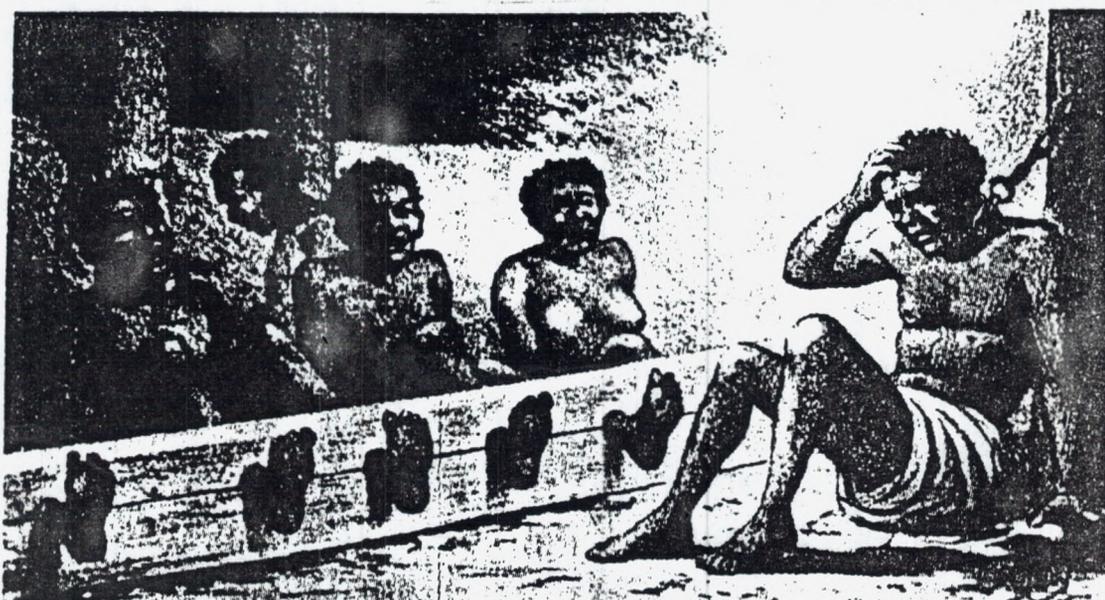
A PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO: O PRIMEIRO TUOLINHO DA NAÇÃO INDEPENDENTE

No dia 25 de março de 1824 temos a primeira Constituição brasileira. Isto era muito importante. Nenhum país independente poderia existir sem uma Constituição é um dos grandes símbolos de uma Nação. Poderia ser a Constituição de 1824 o primeiro tijolo para o povo brasileiro construir o Brasil como um país realmente independente. Mas o povo não participou da Constituição de 1824. Isto porque D. Pedro I, ao convocar uma Assembléia Legislativa (de Deputados) para fazer a Constituição se irrita com os deputados antiabsolutista que não queria lhe dar poder absoluto sobre os poderes legislativos e judiciário. D. Pedro prende esses deputados, dissolve a Assembléia e faz ele mesmo a Constituição. Esta

Constituição colocava a existência no Brasil de um poder judiciário; de um poder legislativo composto por senadores e deputados; de um poder executivo, composto dos presidente de províncias e do imperador e de um PODER MODERADOR. Este poder moderador era tudo o que os antibiabsolutista não queriam, pois dava enormes poderes a D. Pedro I, com ele, D. Pedro I podia, inclusive escolher os presidentes das províncias e os senadores; podia ainda, nomear juizes para o poder judiciário e quando quisesse, dessorver a Câmara dos deputados.

Isto quer dizer que a história da 1ª Constituição do Brasil, mostra que o povo brasileiro não era livre para decidir politicamente o que era melhor para seu país!

QUEM ERA A MAIORIA DO POVO BRASILEIRO? ONDE VIVIA?



Ali que finalmente o Brasil conheceu o quanto é aliado e amigo os nossos homens que são os seus irmãos. A abolição da escravatura, mais, ainda, das baginas mais brilhantes do reinado de D. Pedro I.

Os outros, portugueses conquistados por um tão justo reconhecimento, sempre um fraternal abraço a todos os brasileiros.

(Reprodução da 1ª página do nosso colega CHARIVARI, que se publica no Paris.)

A maioria do povo brasileiro vivia nas senzalas no período do Brasil Império!!! Que país livre era esse, onde a maioria do seu povo não tinha liberdade?

A "Independência do Brasil" não resolveu o seu maior problema social naquele momento: a escravidão.

A escravidão vai mostrar que a Nação brasileira era cortada por dois mundos: o mundo do branco e o mundo dos negros. Ora, se a maioria da população brasileira era escrava, e os escravos com a Proclamação da Independência não adquiriram o direito à liberdade, isto quer dizer que a nova Nação brasileira tinha um sério problema a resolver! É a partir dessa idéia que temos as companhias abolicionistas: poetas lutam pela liberdade dos negros nos jornais, nas praças; alguns políticos a partir de 1870 vão procurar elaborar projetos para resolver o problema da escravidão.

Os próprios negros vão intensificar suas fugas e seus sonhos de liberdade.

É neste momento que alguém tem uma idéia: Para resolver o problema da escravidão que manchava a nova Nação independente e para aumentar o número da população branca no Brasil seria importante investir na imigração. E os grandes fazendeiros do café começam a chamar os imigrantes, pessoas de outros países principalmente da Itália para trabalhar na lavoura. O sonho destes Fazendeiros era: resolver o problema da mão-de-obra, uma vez que desde 1850 que existia a Lei Eusébio de Queiróz que proibia o tráfico negreiro, ou seja, os Fazendeiros não podiam mais trazer negros da África para trabalhar no Brasil. Outro sonho destes Fazendeiros: matemizar o Brasil. A imigração era coisa moderna! Além disso, vinham pessoas brancas, e suas esperanças era que estas pessoas terminassem por branquear a raça brasileira.

Outro problema que a Independência do Brasil não resolveu: a situação das pessoas pobres do país. Essas pessoas sequer podiam votar para eleger seus deputados! Isto porque existia o voto censitário que proibia pessoas sem recursos,

sem terra, sem escravos votar nas eleições. Também as mulheres não podiam votar.

Vamos parar um pouco e olhar para a primeira figura do texto. Como vimos a luta entre D. Pedro e os portugueses dominam quase todo o quadro. Mas do lado esquerdo da figura, quase fora do quadro um camponês assiste espantado a cena que se desenrola à sua frente. Ele não participa da cena. Apenas assiste. Na verdade, como o camponês, a população pobre não participou da Independência. Isto porque a Independência da forma que foi feita no Brasil não teve como objetivo resolver o problema dos escravos e das pessoas pobres do Brasil. A Nação, o país livre que surge com a Independência não modifica a situação dessas pessoas. Ela surge para resolver os problemas dos grandes Fazendeiros e comerciantes brasileiros que queriam a Independência de Portugal para vender livremente seus produtos a outros países; da mesma forma que os políticos brasileiros queriam a Independência para ter mais poder, mais autonomia, sem que precisassem se submeter aos políticos portugueses. Desta forma, podemos concluir que a Nação que surge com a Independência não foi uma Nação que beneficiou os escravos e a população pobre do Brasil, mas os políticos, os comerciantes e os grandes proprietários de terra.

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA: QUEM SABE AGORA O BRASIL TORNA-SE UMA NAÇÃO?

Já vimos que a Independência do Brasil não fez do Brasil uma nação. Por quê? Porque a maioria da população brasileira continuou escrava. Não existe nação, onde a maior parte da população é tratada como coisa ou como bicho. Não existe nação onde o povo não pode escolher seus governantes, e a gente sabe que no Brasil - Império não existia eleição para governante. O poder de D. Pedro I passou para D. Pedro II... e assim continuaria. Mas o que veio mudar isto?

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA.

A Proclamação da república fez do Brasil uma república Presidencialista. Isto quer dizer, um país onde o povo escolhia seu presidente. Quais as outras modificações que o Brasil vivência com a república? O voto deixar de ser censitário, ou seja, não precisava ser rico para poder votar. Mas o eleitor tinha que saber ler! Ora, um país onde era analfabeta essa história de só alfabetizado votar, terminou por impedir, proibir muitas pessoas de escolher seus governantes. Outro problema com relação a eleição era que o voto era aberto, o que significava dizer que todos ficava sabendo do voto um do outro. Por isso surge no início da República o *VOTO DE CABRESTO* que era o voto obrigado; ou seja o trabalhador pobre que votava tinha muitas vezes que votar nos candidatos do seu patrão já que este patrão podia despedi-lo caso não votasse em quem ele mandou. Temos neste momento o fortalecimento de uma figura: o Coronel. O Coronel era o grande fazendeiro que ganha um imenso poder com a república; era ele que controlava o voto do trabalhador pobre; o pobre precisava dele para trabalhar e assim alimentar sua família; esse coronel passar a mandar na política de sua região e na justiça. O pobre que caía nas *garras* da justiça

NA CÂMARA DOS DEPUTADOS QUE VÃO FAZER A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL BRIGAM SEM PARAR ABSOLUTISTAS E ANTI-ABSOLUTISTAS.

DE REPENTE... NO MEIO DA DISCUSSÃO, CHEGA O PEDRO I E... O PAI TIRA O ANTI-ABSOLUTISTA DA CÂMARA.



E ASSIM, EM 1824, O PEDRO I, DIANTE DA DISCUSSÃO ENTRE ABSOLUTISTAS E ANTI-ABSOLUTISTAS, INVADIRIA A CÂMARA E MANDA PRENDER TODOS OS ANTI-ABSOLUTISTAS, AQUELES QUE NÃO QUERIAM LHE DAR MUITO PODER. DECIDE ELE MESMO, ESCREVER A CONSTITUIÇÃO DO BRASIL:



EU FIZ A CONSTITUIÇÃO SOZINHO. AGORA SEU BRASIL INDEPENDENTE: ENGULA!



precisava de um coronel para livrá-lo dela; ao mesmo tempo triste do pobre que ofendesse o coronel! A justiça ficava sempre contra ele, e a favor do coronel!

Mas terá a República resolvido o problema de salário, desemprego e moradia do Brasil?

Vejamos: Em 1917, ou seja 28 anos depois da Proclamação da República ocorreu no estado de São Paulo uma greve com a participação de 75 mil trabalhadores. Entretanto a polícia da República, prendeu muitos dos grevistas e expulsou outros do país. Por que esses trabalhadores estavam fazendo greve?

Porque a República não tinha resolvido seus problemas. O que eles queriam da República? Melhores salários, direito a férias remuneradas, jornada de oito horas de trabalhos, moradia digna. Não conseguiram, por isso fizeram graves.

Também o problema da terra, a república não resolveu. Milhares de camponeses continuaram sem terra para morar e cultivar, enquanto uma minoria de proprietários de terra, continuavam aumentando suas propriedades. Ao Mesmo tempo esses camponeses não tinham direito a educação, e sequer podiam contar com a Justiça da República porque como já vimos, esta era controlada pelos grandes proprietários de terras, os coronéis.

Por isso vamos ter depois da Proclamação da República dois grandes movimentos camponeses: Canudos e Cangaço.

CANUDOS: O SONHO DE UM POVO DE VIVER EM PAZ.

No interior da Bahia, apareceu em 1897, um homem magro e de barbas longas, chamado Antônio Conselheiro. Criticando a República, e falando que os pobres poderiam viver em paz, sem patrão para explorá-los e sem polícia para vigiá-los, Antônio Conselheiro vai juntando em torno de si, milhares de camponeses que estavam descontentes com a República.

Sonhando em viver numa sociedade sem coronel e sem polícia este povo passam a mora em Canudos. Dia- a -dia, camponeses chegavam a Canudos, em

busca de um mundo diferente. Era trabalhadores fugindo de coronéis e da pobreza a que estavam submetidos. No ano Canudos é invadido pelas tropas do governo: A maioria dessas pessoas são mortas.

CANGAÇO: JÁ QUE NÃO HÁ JUSTIÇA PARA O POBRE, VAMOS FAZER JUSTIÇAS COM AS PRÓPRIAS MÃOS.

O Cangaço foi outro movimento de camponeses que não se sentiam contentes com a república. Os camponeses do sertão nordestino, a vida no cangaço para resolver seus problemas sem terras, vivendo em extrema miséria e com a polícia sempre a favor dos coronéis, os camponeses pegam em arma e durante 40 anos (1900-1948) mostram aos grandes proprietários de terra aos políticos e ao presidente do País que os pobres também tinham sonhos e queriam realiza-los, mesmo que fosse com armas.

O final desta história, sabemos: todos os cangaceiros são mortos ou presos.

A história da greve de 1917, a história de canudos e do cangaço é muito importante para nós. Porque aconteceram esses movimentos? Por que a República que foi proclamada no dia 15 de novembro de 1889 não criou a Nação que a população brasileira queria. Ela não resolve os problemas do povo: moradia e educação, justiça e emprego dignos para todos; salário justo e jornada de trabalho de 8 horas... 15 de novembro não construiu a Nação que o povo queria. Os movimentos que foram destruídos pela República quiseram mostrar isso, quiseram mostrar isto aos políticos.

O povo pobre tinha outros sonhos, outros projetos de Nação... queriam uma Nação onde a justiça existisse para todos, onde a terra fosse dividida com todos, onde a miséria não existisse...

O NAZISMO: UMA PROPOSTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO TOTALITÁRIO

A década de 20 viu surgir na Europa uma nova forma política de organização da sociedade: o nazifascismo. As consequências desta emergência foram tão fortes e tão trágicas que é impossível esquecê-la: morte de milhares de pessoas, 2ª guerra mundial, medo e dor. O que caracterizava o nazifascismo? O que buscava? Qual a sua relação com os problemas do seu tempo?

O nazifascismo está ligado a dois nomes: Benito Mussolini e Adolf Hitler. Mussolini fundou o Partido Fascista Italiano em 1919, e em 1922, disposto a tomar o governo pela força, empreende a famosa "marcha sobre Roma"... nas ruas de Roma, uma cena espetacular: homens vestidos de negro (os "camisas negras") ou seja, as tropas de choque organizadas militarmente tomam o poder do rei Vítor Emanuel III. Estabelece-se a ditadura fascista na Itália. Doze anos depois, na Alemanha, Adolf Hitler adquire poderes impressionantes no Estado: De chanceler passa a ser Führer - Líder - Terrível líder que levou milhares de pessoas à morte, que encheu outras tantas de pânico e de dor. Com os nazistas no poder, os sindicatos são suprimidos, em seu lugar criam-se as "Frentes de Trabalho" que procurava reunir patrões e trabalhadores; cria-se uma polícia secreta - GESTAPO - que procuraria controlar todos

os passos das pessoas que viviam na Alemanha; opositores do regime são perseguidos; campos de concentração criados para prender e (destruir) os inimigos do regime; a educação popular foi assumida pelo Estado, onde a criança aprendia a teoria nazista, portanto aprendia que a raça germânica (alemã) era superior, e por isso tinha esta raça obrigação de dominar as demais.

E na Itália o que fez Mussolini? Mussolini criou a Milícia Voluntária para a segurança nacional que disseminou o terror e a violência contra os opositores do regime. Portanto, também aí há uma "caça" àqueles que resistissem ao nazifascismo.

Dissolve Mussolini os partidos políticos, anuncia a ilegalização da oposição, interdita jornais que se contrapunham a sua ideologia, usa como Hitler os meios de comunicação para propagar as "benesses" do nazifascismo.

Sendo assim podemos perceber alguns pontos fundamentais que caracterizam o nazifascismo: o totalitarismo do Estado; o Estado tem todo o poder. Por isso deve controlar a todos e todos a ele devem obedecer. Endeusamento do governante: O Estado é forte, ditador, mas seu aparato se contunde com o líder, seja o "duce" italiano, seja o "Führer alemão"; daí toda a exaltação ao líder. O líder pode salvar o povo, o país. Esta idéia é muito forte no nazifascismo. Outra característica fundamental do nazifascismo é o expansionismo

territorial. Os nazifascistas tinham objetivo maior expandir seus territórios, daí a ideia de Hitler de "espaço vital".

E em busca deste "espaço vital" dos alemães que Hitler parte com seus exércitos para invadir a Polônia, a Finlândia, a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica, a Holanda, a França, a Inglaterra, a Rússia. Enfim, Hitler queria o mundo aos pés dos alemães! Desta busca temos a 2ª Guerra Mundial. Mas essa história não entra nesta história!

Retomemos após este passelo (nada amigável) com Hitler às características nazifascistas militarismo. Tanto a Itália fascista com a Alemanha nazista criaram exércitos fortes e polícias secretas. Como enfrentar o mundo bem treinados?! Assim os soldados possuíam vestimentas impressionantes e tinham uma alimentação reforçada; era motivo de honra para as famílias nazistas ter membros alistados no exército. Mais honroso ainda era ser membro da SS, o esquadrão mais elevado da elite nazista. Era a SS responsável pela administração dos terríveis campos de concentração e pelo extermínio dos oponentes ao regime. Seus membros se destacaram pelo uso de um uniforme preto. Deixemos entretanto, os membros da SS no lugar que merecem estar: no passado da Alemanha Nazista, e encontremos mais uma característica do nazifascismo: o salvacionismo.

A ideia de salvação no nazifascismo foi crucial para seu sucesso no período 1920-1945. Isto porque, não podemos

esquecer, este período foi para o mundo capitalista, um momento de caos. O fim da 2ª Guerra Mundial trouxe para os países recém-saídos da guerra, pobreza e fome. O quadro se completa com o medo do "perigo comunista". Como esquecer naquele mundo destruído pela guerra, a turbulência causada pela Revolução Russa? E se os "comunistas" "atacam" outras partes do mundo? As greves, os motins nas ruas do mundo capitalista, transformam estas interrogações em medo, e o medo em pavor: Como se salvar deste perigo e ao mesmo tempo salvar a população da miséria e a economia da crise? O nazifascismo se institui como resposta. Sendo assim, Hitler procura planificar a economia. A economia deixa portanto, de ser campo dos empresários, comerciantes, industriais e passa a ser campo central do Estado. Daí em diante, as rédeas da economia não estariam à solta, mas atreladas à direção estatal vez que o liberalismo pregava a idéia de uma economia desligada do Estado, movida pelas necessidades do mercado. Antiliberal, o nazifascismo foi também antidemocrata, na medida em que suprimiu partidos políticos, deu golpe de Estado e governou de forma autoritária, utilizando-se da lei e da violência sem pudor. O preconceito racial também é outra característica do nazifascismo. Acreditavam na superioridade racial que levava uma raça a se desenvolver e superar a outra. Hitler leva esta crença ao extremo e milhões de judeus foram mortos por ele e seus aliados.

o terrível fato dele achar que o judeu é uma raça inferior, que poderia "manchar" a "bela" raçaariana! Mas não era só do judeu que Hitler dirigia seu ódio: menosprezava os eslavos, os latinos... todos os povos que fossem alemães puros. Menosprezava também todos os grupos políticos não-nazistas: democratas, liberais, socialistas e comunistas. Muitos destes morreram nos campos de concentração como os judeus. Após esta breve caminhada pelo nazifascismo podemos concluir que os nazifascistas colocaram um projeto de construção de mundo: nem comunista, nem capitalista livre do Estado, mas nazifascista. Um mundo com um povo ideal: o germânico; um mundo com donos Inquestionáveis: Alemanha-Itália; um mundo onde não poderia existir nem ciganos, nem judeus, nem comunistas, nem liberais. Ou seja, um mundo só movido e dirigido por nazifascistas, onde não haveria espaço para as pessoas que não se opusessem. Sendo assim, neste mundo nazifascista tudo que era diferente tinha que morrer, se acabar. Por isso tantos homens inocentes, tantas crianças, tantas mulheres foram marcadas, massacradas e mortas. Por isso, também este mundo nazifascista foi destruído em 1945... mas essa história pára por aqui.

**ESCOLA: COLÉGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA - SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

PROFESSORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONILDES C. DONATO

PLANO DE ENSINO

OBJETIVO GERAL:

Discutir a multiplicidade de experiências dos grupos humanos, desde a Antiguidade até a época Contemporânea, procurando refletir sobre os múltiplos projetos de organização do mundo colocados por estes grupos.

UNIDADE I:

- Refletir sobre a idéia de **Mundo Antigo**, procurando refletir sobre como esta idéia implica num espaço temporal, cultural e geográfico diferente do mundo que chamamos moderno.
- Refletir sobre as diferentes sociedades do chamado mundo Antigo Oriental.
- Refletir sobre as duas grandes sociedades do mundo Antigo Ocidental, bem os projetos de organização de mundo colocados por estas sociedades.

CONTEÚDOS:

- A idéia de mundo Antigo.

- Mundo Antigo Oriental: Egito, China, Mesopotâmia, Hebreus.
- Mundo Antigo Ocidental: Grécia e Roma.

UNIDADE II

- Discutir a idéia de decadência do Mundo Antigo relacionada a queda do Império Romano, bem como o surgimento a partir da desestruturação deste Império de uma nova forma de organização de mundo: O mundo Medieval.
- Refletir sobre os Impérios do Mundo Medieval, bem como os projetos de organização de mundo por eles colocados.
- Refletir sobre as mudanças nas sociabilidades do Mundo Medieval a partir do século XI e sua relação o surgimento de novos projetos de organização de mundo que culminavam com as **grandes navegações**.

CONTEÚDOS:

- Decadência do Império Romano.
- Mundo Medieval: religião, economia, política e sociedade.
- Império Bizantino, Islâmico, Africano, Carolíngio, Chinês.
- Transformações sociais, econômicas e políticas na alta Idade Média.
- Grandes Navegações.

UNIDADE III

- Refletir sobre a relação entre as transformações vivenciadas pelo mundo medieval e o processo de construção de um **mundo moderno** marcado pelo projeto de internacionalização das regiões, da cultura e da política.
- Discutir os marcos políticos, culturais e econômicos do chamado **Mundo Moderno** e sua relação com um projeto de organização de mundo que

surge em um campo de tensão marcado pela idéia do conflito entre **tradição e modernidade.**

CONTEÚDOS:

- A idéia de Mundo Moderno.
- O fim da Idade Média e o surgimento do Mundo Moderno.
- Grandes Navegações.
- Colonização do Novo Mundo.
- Absolutismo.
- Renascimento.
- Reforma e Contra-Reforma.
- Iluminismo.
- Revolução Francesa.

UNIDADE IV:

- Refletir sobre as duas grandes guerras mundiais e sua relação com o projeto de internacionalização das regiões que surge no período moderno.
- Discutir a Revolução Russa e o Nazi-Fascismo, procurando percebê-los como alternativas para o projeto de mundo capitalista que surge no período anterior.
- Discutir a cultura no período 1900 - 1945, procurando refletir sobre a leitura de mundo, e os vários projetos elaborados pelas pessoas que vivenciaram este momento .

CONTEÚDOS:

- Primeira Guerra Mundial.
- Revolução Russa.
- Nazi-Fascismo.

- Segunda Guerra Mundial.
- Arte Moderna.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro, giz, filmes, figuras, cartazes, mapas e textos.

AVALIAÇÃO:

- Avaliação a partir de exercícios, provas, seminários e exposição de gravuras e textos.

BIBLIOGRAFIA:

Aquino, Rubim Santos Leao e Outros. *História das Sociedades*, v.II, RJ: Ao Livro Técnico, 1988.

Cotrim, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*; SP Saraiva, 1994

Dreguer, Ricardo e Toledo, Eliete. *História: Cotidiano e Mentalidade - Séculos XIX - XX*. SP: Atual, 1995.

Rezendo, Antonio Paulo e Didier, Maria Thereza. *Rumos da História-Nossos Tempos: O Brasil e o mundo Contemporâneo*; SP; Atual, 1996.

Telecurso 2000. *História Geral*; SP Globo, 1996.

ESCOLA: COLÉGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA - SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

PROFESSORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONILDES C. DONATO

PLANO DE UNIDADE

UNIDADE IV: OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre as duas grandes guerras mundiais e sua relação com o projeto de internacionalização das regiões que surge no período moderno.
- Discutir a Revolução Russa e o Nazi-Fascismo, procurando percebê-los como alternativas para o projeto de mundo capitalista que surge no período anterior.
- Discutir a cultura no período 1900 - 1945, procurando refletir sobre a leitura de mundo, e os vários projetos elaborados pelas pessoas que vivenciaram este momento .

CONTEÚDOS:

- Primeira Guerra Mundial.
- Revolução Russa.
- Nazi-Fascismo.
- Segunda Guerra Mundial.
- Arte Moderna.

METODOLOGIA:

Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, giz, quadro de giz, textos e slides.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadros de giz, giz, cartazes, textos e slides.

AValiação:

A avaliação será feita através de contínuos exercícios, referentes as temáticas da aula e da prova no final da unidade.

BIBLIOGRAFIA:

Aquino, Rubim Santos Leao e Outros. História das Sociedades, v.II, RJ: Ao Livro Técnico, 1988.

Cotrim, Gilberto. História e Consciência do Mundo; SP Saraiva, 1994

Dreguer, Ricardo e Toledo, Eliete. História: Cotidiano e Mentalidade - Séculos XIX - XX. SP: Atual, 1995.

Rezendo, Antonio Paulo e Didier, Maria Thereza. Rumos da História-Nossos Tempos: O Brasil e o mundo Contemporâneo; SP; Atual, 1996.

Telecurso 2000. História Geral; SP Globo, 1996.

**ESCOLA: COLÉGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR
VELOSO DA SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA - SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

PROFESSORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONILDES C. DONATO

PLANO DE ENSINO

OBJETIVO GERAL:

Discutir os marcos históricos e os movimentos sociais brasileiros, desde sua **Independência** até a **Nova República**, procurando refletir como estes marcos e estes movimentos têm relação com a idéia de instituição de uma nação brasileira.

UNIDADE I:

- Discutir a idéia de marco histórico.
- Discutir o marco de 1822, que procurou instituir o Brasil como uma nação independente
- Refletir a partir da situação política da população no Império, se a Independência conseguiu fazer do Brasil um Nação, bem como a discussão em torno da identidade do brasileiro.
- Pensar as rebeliões regenciais e refletir os múltiplos projetos, que com eles implodem para a construção de uma Nação brasileira.

- Discutir as tensões no Brasil - Império em torno das idéias de escravidão e abolição; tentando refletir sobre a relação com os projeto de Nação, colocados pelos intelectuais, políticos, escravocratas e escravos.

CONTEÚDOS:

- A idéia de marco histórico.
- Independência do Brasil.
- Situação dos escravos, índios, homens pobres livres e mulheres no Brasil - Império.
- Rebeliões regenciais.
- Política abolicionista e resistência escrava.

UNIDADE II

- Discutir a **Proclamação da República**, tentando relacioná-la com a discussão em torno do projeto de Nação vitorioso naquele momento.
- Discutir os projetos de República vencidos pelo **1889**, tentando refletir sobre o silencio que se produziu historicamente e historiograficamente em torno de sua existência.
- Discutir as revoltas populares na **Primeira República** e refletir sobre os projetos de Nação que estes colocaram, bem como sua relação com a legitimidade da Nação instituída pelo **1889**.
- Discutir a Semana de Arte Moderna e sua relação com o projeto de uma Nação moderna a ser instituída no Brasil.

CONTEÚDOS:

- Proclamação da República
- Revolucionárias.
- Revoltas populares na 1ª República.
- Semana de Arte Moderna

UNIDADE III:

- Discutir a Revolução de 30 e a República Populista, tentando refletir como estes dois momentos da História do Brasil procuraram instituir para o país a imagem de uma Nação Moderna.
- Refletir sobre os encontros e desencontros existentes entre a imagem colocada para o país no período 30-64 de uma "Nação Moderna" e a situação social e política de seus habitantes.

CONTEÚDOS:

- Revolução de 30.
- Industrialização
- O Integralismo e os movimentos populares no período 30-37.
- Estado Novo
- República Populista
- Ligas camponesas
- Movimento operário e estudantil.

UNIDADE IV:

- Discutir o Golpe de 64 e o projeto de Nação instituído pelos militares, tentando refletir como este tem como pressuposto as idéias de progresso e modernidade.
- Refletir sobre as formas de silêncio que foram produzidas tanto na história como na historiografia em torno dos projetos de Nação derrotados com o Golpe Militar.
- Discutir como os militares procuram construir no período da **Ditadura** a idéia de povo brasileiro e identidade nacional.
- Discutir o momento da **Abertura**, tentando refletir como este momento determinou por construir a idéia de um **Brasil Novo**.

CONTEÚDOS:

- Revolução de 64.,
- O Milagre Econômico
- Ditadura Militar,
- Doutrina de Segurança Nacional.
- Abertura.

METODOLOGIA:

- Aula expositiva-dialogada com apresentação de filmes, figuras, cartazes, mapas e com a utilização de giz, quadro e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Quadro, giz, filmes, figuras, cartazes, mapas e textos.

AVALIAÇÃO:

- Avaliação a partir de exercícios, provas, seminários e exposição de gravuras e textos.

BIBLIOGRAFIA:

1. BOULOS jr, Alfredo. História do Brasil - Império e Republica; SP: FTD, 1985.
2. IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP: Companhia das Letras, 1993.
3. LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporâneo. PA: Mercado Aberto, 1991.
4. NADAI, Elza e NEVES, Joana. História do Brasil - Brasil Independente; SP: Saraiva 1986.
5. VICENTINO, Cláudio. História Integrada: Os Séculos XVIII e XIX; SP: Scipione, 1995.
6. _____ . História Integrada: século xx. Sp: Scipione, 1995.

ESCOLA: COLÉGIO ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO
DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA - SÉRIE: 6º
ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA
ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL
PROFESSORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONILDES C. DONATO

PLANO DE UNIDADE

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir a idéia de **Independência do Brasil**, refletindo sobre a situação dos negros, índios, mulheres e homens pobres livres no Brasil - Império.
- Discutir as idéias dos abolicionistas, escravos e escravocratas, tentando perceber sua relação com a idéia de uma Nação ideal.
- Discutir o momento da **Proclamação da República**, procurando refletir sobre o projeto de Nação vencedor naquele momento.
- Discutir a consolidação do Brasil Republicano, tentando pensar a relação do tipo de República instituído pelo **1889** com os movimentos populares da 1ª República.
- Discutir a **Revolução de 30** e sua relação com a idéia de uma Nação nova e moderna para o Brasil.
- Discutir a **Revolução de 64** tentando refletir sobre o conflito naquele momento de diferentes projetos de Nação para o Brasil.

CONTEÚDO:

- Independência do Brasil.
- Escravidão e Abolição no Brasil Império
- Proclamação da República
- Coronelismo e movimentos populares
- Revolução de 30
- Golpe de 64

METODOLOGIA:

Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, giz, quadro de giz, textos e slides.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Quadros de giz, giz, cartazes, textos e slides.

AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita através de contínuos exercícios, referentes as temáticas da aula e da exposição no final da unidade pelos alunos de um trabalho de elaboração de pequenos textos e exposição de gravuras referentes aos momentos históricos estudados.

BIBLIOGRAFIA:

1. BOULOS jr, Alfredo. História do Brasil - Império e Republica; SP: FTD, 1985.
2. IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP: Companhia das Letras, 1993.
3. LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporâneo. PA: Mercado Aberto, 1991.
4. NADAI, Elza e NEVES, Joana. História do Brasil - Brasil Independente; SP: Saraiva 1986.
5. VICENTINO, Cláudio. História Integrada: Os Séculos XVIII e XIX; SP: Scipione, 1995.
6. _____ . História Integrada: século xx. Sp: Scipione, 1995.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir sobre a 1º guerra mundial, procurando pensar como esta, tem relação com o projeto de internacionalização das regiões colocado pelo período moderno.

CONTEÚDO: Primeira Guerra Mundial.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com uso de textos de época.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz e textos de épocas.

AVALIAÇÃO: Através da discussão feita em sala de aula, tendo por base textos de época.

BIBLIOGRAFIA:

- AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. *Histórias da sociedade*, v.II RJ: Ao livro técnico, 1988.
- COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*; SP Saraiva, 1994.
- DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. *História: Cotidiano e Mentalidade - Século XIX - XX*. SP: Atual, 1995.
- RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. *Rumos da História - Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo*; SP: Atual, 1995.
- TELECURSO 2000. *História Geral*; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Revolução Russa*, procurando pensá-la enquanto ponto de intersecção de vários projetos de organização do mundo, e enquanto alternativa para o projeto de mundo capitalista que surge no período anterior.

CONTEÚDO: Revolução Russa.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes e gravuras.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz e gravuras e cartazes.

AVALIAÇÃO: Através do debate em sala de aula e dos exercícios trabalhados pela turma.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. *Histórias da sociedade*, v.II RJ:

Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*; SP Saraiva, 1994.

DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. *História: Cotidiano e Mentalidade- Século XIX - XX*. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. *Rumos da História - Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo*; SP: Atual, 1995.

TELECURSO 2000. *História Geral*; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Refletir sobre a leitura de mundo, e os vários projetos
de organização de mundo elaborados pelas pessoas que

vivenciaram ~~este~~ momento. *do pós - 1ª guerra mundial*

CONTEÚDO: Arte Moderna.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de pinturas, poesias e
cartazes.

RECURSOS DIDÁTICOS: Giz, quadro, pintura, poesias e cartazes.

AValiação: Através da discussão em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. Histórias da sociedade, v.II RJ:

Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. *História e Consciência do Mundo*; SP Saraiva, 1994.

REGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. *História: Cotidiano e Mentalidade-
Século-XX*. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. *Rumos da História -
Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo*; SP:
Atual, 1995.

TELECURSO 2000. *História Geral*; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 3º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

COORDENADORA DA PRÁTICA : ERONILDES CÂMARA DONATO

PLANO DA AULA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Discutir a 2º Guerra Mundial procurando pensá - la enquanto resultado do conflito entre os vários projetos de organização de mundo elaborados na 1º metade do século XX cuja característica comum é a idéia de internacionalização das regiões que surge no período moderno.

CONTEÚDO: Segunda Guerra Mundial

METODOLOGIA: Aula expositivo - dialogada com utilização de cartazes e gravuras.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, cartazes e gravuras.

AVALIAÇÃO: Através do debate em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA:

AQUINO, Rubim Santos Leão e outros. Histórias da sociedade, v.II RJ:

Ao livro técnico, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e Consciência do Mundo; SP Saraiva, 1994.

DREGUER, Ricardo e Toledo, Eliete. História: Cotidiano e Mentalidade-

Século XIX - XX. SP: Atual, 1995.

RESENDE, Antônio Paulo e Didier, Maria Thereza. Rumos da História -

Nossos Tempos: O Brasil e o Mundo Contemporâneo; SP:

Atual, 1995.

TELECURSO 2000. História Geral; SP: Globo, 1996.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a idéia de *Independencia do Brasil*, e de uma *Nação Livre*, procurando refletir sobre a situação dos negros, índios, mulheres e homens pobres livres no Brasil - Império.

CONTEÚDO: Independência do Brasil.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de quadrimhos e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, quadrimhos e textos.

AVLIAÇÃO: Através da participação em sala de aula e de exercícios referentes a temática trabalhada na aula.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; **História do Brasil - Império**; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. **Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964**; SP:

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. **História do Brasil - Contemporâneo**; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. **História do Brasil - Brasil Independente**;

SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a idéias dos abolicionistas, escravos e escravocratas, tentando perceber sua relação com a idéia de uma nação ideal.

CONTEÚDO: Escravidão e Abolição no Brasil - Império.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de Gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras e textos.

AVALIAÇÃO: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;

SP: Saraiva, 1986.

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Proclamação da República*, procurando pensar sobre o projeto de nação vencedor naquele momento.

CONTEÚDO: Proclamação da República.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e textos.

AValiação: Através da discussão em sala de aula e de exercícios trabalhado a partir da temática

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr.,Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD,1995.

Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:

Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;

SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a consolidação do Brasil Republicano, tentando pensar a relação do tipo de República instituído pelo *1889* com os movimentos populares da 1º República.

CONTEÚDO: Coronelismo e Movimentos Populares.

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e textos.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e textos.

AValiação: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:
Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:
Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil
Independente; SP: Saraiva, 1986

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA

SÉRIE: 6º

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ORIENTADORA DA PRÁTICA DE ENSINO : ERNILDES C . DONATO

PLANO DE AULA

OBJETIVO ESPECÍFICO: Discutir a *Revolução de 64*, procurando pensá-la enquanto ponto de intersecção de vários projetos de Nação colocados para o Brasil.

CONTEÚDO: Revolução de 64

METODOLOGIA: Aula expositiva - dialogada com utilização de cartazes, gravuras e falas da época.

RECURSOS DIDÁTICOS: Quadro, giz, gravuras, cartazes e documentos.

AVALIAÇÃO: Através da participação em sala de aula

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo; História do Brasil - Império; SP: FTD, 1995.

IGLESIAS, Francisco. Trajetória Política do Brasil: 1500 - 1964; SP:
Companhia das Letras, 1993.

LOPES, Luiz Roberto. História do Brasil - Contemporâneo; PA:
Mercado Aberto, 1991.

NADAI, Elza e Neves, Joana. História do Brasil - Brasil Independente;
SP: Saraiva, 1986

EDITORA: 1ª e 2ª GRUAS ADRIAN VEIOSO DE SILVA
DEPARTAMENTO: TEÓRICA
A ABSTRACT: ABSTRACT
ORIENTADORA: DR. DO LOPES
SÉRIE: 3º Ano.

18) A partir das figuras apresentadas em sala de aula ("O cortejo do Czar" e "casa do camponês") discuta as contradições da Rússia Naziista.

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª e 2ª GRADU ADEMIR LOCO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA
ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA
ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL
SÉRIE: 3º Ano

EXERCÍCIO DA 4ª UNIDADE

"Aquele que governar devem saber que têm o direito de governar porque pertencem a uma raça superior" (HITLER, In: História Moderna e Contemporânea: LELLO e COSTA; p.247).

- 1ª) Discutir, esta afirmação de Hitler, procurando relacioná-la com as características do Nazismo:

ESCOLA ESTADUAL DE 1ª e 2ª GRADE - SÃO PAULO - SÃO PAULO - SP, BRASIL
DISCIPLINA: HISTÓRIA
SÉRIE: HISTÓRIA
CONTÉUDO: O DIA DO SOCORRO
ANO: 2º Ano

1) O dia da Independência do Brasil é 7 de setembro. Sabemos que esta Independência foi proclamada no ano de 1822. Pense um pouco e responda: você acha que houve realmente Independência do Brasil naquele ano?

1. DAS PERMANÊNCIAS DE 1º e 2º SEMESTRES ADMISSÃO: VÍTORIO DA SILVA
DEPARTAMENTO: HISTÓRIA
DISCIPLINA: HISTÓRIA
OBRIGANDO-SE: 1º SOCORRO
2º SEMESTRE: 3º Ano CIÊNCIAS
LÍNGUA:

AValiação DO 4º BIMESTRE:

ESCREVA OS RESPOSTAS PARA O SEGUIENTE:

01- Leia um pequeno texto sobre Revolução Russa:

Analise as atitudes de Mussolini quando assumiu o poder na Itália:

02- Não hesite pensar a pintura do quadro como uma pintura dadaísta, arte que o dadaísmo surgiu depois da 1ª guerra mundial. Discuta a relação deste tipo de pintura dadaísta com as consequências da guerra.

03- Discuta a ideia de superioridade racial na ideologia nazista:

04- Discuta as características do nazifascismo:

**ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS - ADEMAR VELOSO DA
SILVEIRA**

DISCIPLINA: HISTÓRIA - AVALIAÇÃO 4º BIMESTRE

SÉRIE: 6 B

ESTAGIÁRIA: AURICÉLIA LOPES PEREIRA

ORIENTADORA: MARIA DO SOCORRO RANGEL

ALUNO (A):

01 - Em 1822, o Brasil finalmente ficou independente de Portugal e se torna uma nação. Mas uma nação com muitos problemas. Com base no texto que foi distribuído na sala, faça uma redação sobre o Brasil após a Independência.

02 - A primeira Constituição do Brasil tornou D. Pedro I Imperador do Brasil. Explique como ela foi elaborada e por que os anti-absolutistas não gostaram nenhum pouco dessa Constituição?

03 - Você acha que a proclamação da República mudou realmente a vida dos brasileiros? Explique porque.